



Lesbianismo e interditos em Judith Teixeira

Martim de Gouveia e Sousa

ESEN (Viseu)

PALAVRAS-CHAVE: JUDITH TEIXEIRA, MODERNISMO SÁFICO, LITERATURA FEMININA.

KEYWORDS: JUDITH TEIXEIRA, SAPPHIC MODERNISM, FEMININE LITERATURE.

É preciso ainda guardar silêncio; faltam-nos nomes santos.¹

Hölderlin

Ninguém queira ter a sorte de Botto e de Teixeira.²

António Fernando Cascais

Diz Hölderlin, numa das suas célebres elegias, que é preciso, à míngua de nomes santos, guardar silêncio, até porque, como o defende o elegíaco no poema «Patmos», onde houver perigo, crescerá também o que salva. Parecem estas desavindas palavras bem apropriadas a esta conversa sobre Judith Teixeira, a mulher-poeta que, segundo a opinião de Fernando Pessoa em carta a Adriano del Valle, «não tem lugar, abstracta e absolutamente fallando», entre os maiores «do caso-transito dos episódicos» (Pessoa, 1996: 61). E, no entanto, este *deslugar* proposto por Pessoa é hoje um esteio vanguardista na literatura portuguesa, que leva, por exemplo, Maria Lúcia Dal Farra, na esteira de António

¹ Hölderlin, 2000: 87. A tradução é de Maria Teresa Dias Furtado e o verso integra o poema «O regresso a casa» (6).

² Almeida, 2009: 16.

Manuel Couto Viana, a defender que Judith Teixeira é o «único nome feminino a integrar a vanguarda portuguesa» (Farra, 2008: 846)³. E isso só pode ser importante, como, em jeito de aviso, o diz António Fernando Cascais ao lembrar o «episódio fulcral António Botto / Judith Teixeira e a sua contemporaneidade de Pessoa e Sá-Carneiro» (Cascais, 2004: 64-65) para a história *gay*, *lésbica* e *queer* portuguesa, no meio, aliás, de uma literatura tida como riquíssima e inexplorada.

Judith Teixeira nasceu, em Viseu, no dia 25 de Janeiro de 1880. Fez publicar três livros de poesia (*Decadência. Poemas, Castelo de Sombras e Nua. Poemas de Bizâncio*), uma conferência (*De mim. Conferência em que se explicam as minhas razões sobre a vida, sobre a estética, sobre a moral*) e um livro de novelas (*Satânia*) durante a década de vinte, tendo deixado trabalhos dispersos em diferentes modos e géneros literários, pelo menos duas crónicas sobre temas educativos, uma tradução de um poema de Rafael Lasso de La Vega e uns perdidos textos dramáticos. Dirigiu ainda uma revista, de nome *Europa*, de que se conhecem três números saídos em 1925.

Com acção literária documentada entre 1918 e 1938 em várias publicações periódicas lisboetas e com alguns textos assinados sob o pseudónimo Lena de Valois, Judith Teixeira veio a morrer em Lisboa, silenciada e abandonada, no dia 17 de Maio de 1959. Contra o esquecimento, Gabriela Marques afirma ser a poetisa um «caso paradigmático» (Marques, 2007: 91) e já anteriormente a «impudica Fénix» (Maria Graciete Besse) fora julgada pelo avisado Luís Amaro como uma poetisa «audaz para o tempo» (Amaro, 2003: 29). Mas não devem estes elogios e particularidades conduzir a uma diferente presença no campo literário?

O. Adelaide Félix, escritora pouco mencionada e com obra mais do que residual, em conto de título «Lady Désir» integrado no livro *Miragens Tôrvas (Prosa de Arte)*, convoca uma mulher de «mãos esguias», «na sua boca vermelha e franca», onde «ficou pousado o *riktus* dum beijo que a tomou um dia e a não quer deixar...» (Félix, 1921: 9). Palpitante e estranha, Lady Désir arrasta a culpa do amor heterossexual e a sua ousadia não vai além de um «seio, breve e branco» (Félix, 1921: 13). Duas décadas à frente, Teixeira de Pascoaes confidenciaria a Albert Vigoleis Thelen – o Vigo Thelen de que fala Eugénio de Andrade –, ser António Nobre «a nossa maior poetisa» (Andrade, 1974: 20).

³ .Claudia Pazos Alonso defenderá que, no tocante à dita literatura feminina, os «três grandes vultos do modernismo português são sem sombra de dúvida Florbela Espanca, Judith Teixeira e, mais tardiamente, Irene Lisboa» (Alonso, 2008: 244).

Muitas das vezes de forma hesitante, cautelosa mesmo, lá vão surgindo, para trás e para a frente, ligeiros mas claros enfoques homográficos e tendências homossexuais na literatura portuguesa e nos seus fautores. Por exemplo, estão «sob suspeita» homossexual Cesário Verde e Silva Pinto⁴, assim como deste existem claras incidências homográficas no conto «Berloque Vermelho» e daquele o estranho designativo para uma irlandesa de «rural boy» (Verde, 1983: 73) do poema «Manhãs brumosas», bem como um indicioso pavor às «carnações redondas» (Verde, 1983: 53) decorrente da composição «Frígida». O mesmo Silva Pinto, autor, como vimos, de um deslembado conto sobre uma paixão entre dois rapazes escrito na primeira pessoa no ano em que conhecera Cesário (1873), manterá uma relação tempestuosa com um jovem poeta «prodígio» de nome Narciso de Lacerda, com quem passará a viver. Referindo-se ao caso, em carta a Ana Plácido, Camilo Castelo Branco dirá: «O Sr. Pinto não veio jantar. Ou não me entendeu ou teve testilhas com o outro»⁵.

Para a frente, outros casos avultam. Por exemplo, constituem desde há muito «desvíos» do desejo entre iguais as claras incisões de António Botto e Raul Leal. Neste contexto epocal poroso e convulsivo, não deixam de ser interessantes as palavras de Raul Brandão, inscritas num dos volumes das suas *Memórias*, bem manifestativas de estratégico espanto e talvez de sentida recriminação a «descaminhos» literários impossíveis:

As culpadas são as classes chamadas superiores. Lisboa foi sempre uma terra depravada, mas nunca como agora. Actualmente é uma cloaca. Noutro dia, no Entrudo, houve um grande baile de pederastas numa escola da Graça. Publicam-se livros de versos dedicados a homens por homens, e entre os manifestos e folhetos espalhados figura a *Sodoma Divinizada*, etc. Também há mulheres oferecendo poesias como *A minha amante* ⁶(Brandão, 1933: 178)

⁴ Cf. Figueiredo, 1981. João Pinto de Figueiredo não deixa cair a hipótese quando diz: «Este louco amor em que talvez não houvesse o “lado impuro”, para utilizarmos a expressão empregada em *O Berloque Vermelho*, levava o panfletário de *Sciência e Consciência* a colar-se ao “bem amado insubstituível”, a segui-lo como uma sombra por toda a parte – e estamos a vê-los ambos, Cesário de jaquetão azul e chapéu alto, Silva Pinto de coco e casaco enxovalhado, caminhando pelas ruas, lado a lado, imagem que irresistivelmente nos evoca o *duo* Verlaine-Rimbaud vagueando no princípio desse mesmo ano pela capital londrina» (Figueiredo, 1981:91-92).

⁵ Branco, 1922: 54. Um pouco antes, lemos outro testemunho de Camilo: «O S. Pinto está no Central, entre paredes com o Narciso» (Branco, 1922: 53).

⁶ Este poema integra a colectânea *Decadência* de Judith Teixeira.

E depois há aquele tio Ângelo do nemesiano *Mau tempo no canal* (1944), apodado de «maricas» pelo narrador (Nemésio, 1986: 16) e sofredor em virtude da sua opção homoe-rótica⁷, bem como aquele enigmático e activo Taborda do *Internato* (1946) de João Gaspar Simões que mordiscava lentamente os lábios de Ramiro⁸ ou aquela ambiência voyeurista homossexual e figueirense⁹ do seniano *Sinais de Fogo* (1979)¹⁰, de que se destacam as figuras

⁷ Nemésio: 1986: 105. Neste passo, João Garcia deu com Ângelo «descomposto, a popa do cabelo ao vento, um grande palpo roxo acima de um olho esbugalhado», depois de um arrufo com um magala.

⁸ Simões, 1946: 278. O passo a que me refiro é o seguinte: «Taborda puxava a cabeça de Ramiro para trás e beijava-o suavemente. Não era a primeira vez que o beijava, mas nunca o fizera com tanta doçura. Ramiro sentia que aquilo não era natural. De princípio, instintivamente, furtara-se, mas Taborda queixara-se de que Ramiro não gostava dele, e o pobre cedera. Sim, nem ele sabia que sentimento estranho o penetrava quando a boca de Taborda lhe tocava os lábios e se ficava a mordiscá-los lentamente».

⁹ Cf., por exemplo, o evocativo passo do capítulo X, que transcrevo e que acontece no decurso de uma passeata de Jorge e Macedo por Buarcos: «E continuámos andando pela areia molhada. Os barcos rareavam. Na sombra de um deles estava deitado um par. Eram dois homens; e, quando íamos passando, vi que eles espreitavam um corpo nu, de calção, estendido rente a um outro barco mais adiante. O corpo estava meio de costas para quem passasse pela areia molhada, com a cabeça sobre o braço esquerdo. A mão direita, oculta pelo corpo, devia mover-se lentamente. E um ligeiro torcer-se de corpo mostrou que ela tinha na mão o sexo em riste, passado por cima do calção abaixado à frente. Os outros dois agitaram-se. Quando eu ia chamar a atenção do Macedo para aquilo, tive um pressentimento, e não disse nada. No mesmo momento, o corpo deitou-se de bruços. Escondendo a cara nas mãos, e que eu teria visto, se ele continuasse na mesma posição e nós andando» (Sena, 2003: 121). Um pouco à frente, depois da cena de exibicionismo, Macedo esclarecerá: «Sabes quem são? Eu conheço-os do Porto. São dois... e devem estar aí à caça de algum. Se calhar aquele tipo que está ali deitado – eu estremei. – No Porto, toda a gente os conhece. São amigos do Rufininho. O Rufininho está no Porto a tirar Arquitectura. Está cada vez pior. Todo ele se rebola, e dá gritinhos. Lá há uma data deles, mas a gente conhece-os. Em Lisboa também é assim?» (Sena, 2003: 121-122). E a conversa segue, em tom crítico, declarando Macedo os homossexuais «uma grande maçonaria» diferente entre si, havendo uns que, embora gostando de homens, «são homens mesmo», ao contrário de outros, flébeis e efeminados, com «ancas de mulher» como as do vizinho dos tios de Jorge. Todos, no entanto, possuindo, como acontecia naquele café do Porto, nomes de mulher. Outros casos de homoerotismo e vários casos de bissexualidade («fazer dominó para os dois lados», como se diz na narrativa) aparecem disseminados ao longo do romance seniano. Surgem ainda desviantes casos de pedofilia, zoofilia e prostituição feminina numa mesma página, a 130, da edição usada do romance de Jorge de Sena, assim como gritantes casos de depravação e anomalismo no capítulo XII.

¹⁰ O capítulo XXXIV do romance de Jorge de Sena é um excelente fresco das tensões, hesitações e medos existentes no seio das comunidades homossexuais. Contém ainda exemplos bem reais das habituais intolerâncias dos heterossexuais.

do amaneirado mas ousado Rufininho¹¹, que não tinha medo de passar por ser aquilo mesmo que era (Sena, 2003: 412), e do gigolô e homossexual nem sempre assumido Rodrigues¹².

1. Lembro-me agora que a introdução já vai longa e fere mesmo a protocolar admonição de António Sérgio, inserta na 4^a das suas *Cartas de Problemática*, datada de Novembro de 1952, que transcrevo muito parceladamente:

Sempre que um típico intelectual lusitano tem por mira instruir-nos sobre determinado assunto embrenha-nos na selva de uma introdução genérica, histórico-genético-filosófico-preparatória, cheia de cipoais onde se nos enreda o espírito, e onde nunca se avista a estrada recta e livre. Depois, quando nos achamos já cerca da orla da floresta, principiando-se a enxergar o bom caminho e o objectivo – pronto!, acaba-se o fôlego do nosso autor e a nós próprios exactamente no instante em que se ia abordar o tema. (Sérgio, 2001: 348)

Mais longe que perto (ou, talvez, nem tanto) das belíssimas figuras de Farida e Carolinda do fascinante romance *Terra Sonâmbula* de Mia Couto, em que a primeira personagem possuía uma beleza «que tocava profundamente Carolinda e lhe fazia um gosto quase de ser homem, poder tocar aquele corpo»¹³, a poesia e os escritos de Judith Teixeira falam

¹¹ Um excerto caracterizador da personalidade de Rufininho é, *v.g.*, o seguinte: «Não tardou que um vulto saísse da porta, por sua vez. Era o Rufininho que, vendo-me, desceu a rua onduladamente e passou a rua muito rente a mim, mas sem me olhar» (Sena, 2003: 218). Tal casa de encontros amorosos, situada em Buarcos e frequentada por homens e mulheres, era um desses lugares de *bas-fond* em que «já tinham dormido ou estado deitadas prostitutas, adúlteras, chulos, pederastas, lésbicas, velhos e novos, gente com saúde e sem saúde, por vício, por desespero, ou por amor» (Sena, 2003: 218-219).

¹² Rodrigues assume, por receio ou por pose, uma posição dúbia a respeito da sua sexualidade que os factos parecem tornar evidente. Afinal, quem era para si, o «diferente» Rufininho? Em conversa com Jorge, Rodrigues nega a sua homossexualidade: «Mas o que eu estava a fazer não prova nada. Qualquer sujeito bem fornecido, como eu, e exibicionista, como eu, faz o que eu fiz, se um par de invertidos se põe a olhar para ele» (Sena, 2003: 170). Mais à frente, o mesmo Jorge cavará o egocentrismo e o desvio falocêntrico de Rodrigues: «Eu vi-te o outro dia, na praia, com aqueles fulanos. O que tu és é um menino que cresceu menos que o pau que tem, e não perdeu a mania de exibi-lo aos homens a quem ele faz inveja, e que vive na adoração dele. Quando te agarras a ele, como estavas agarrado quando agora entrei, acho que não pensas em ninguém senão nele» (Sena, 2003: 391-392).

¹³ Couto, 2008: 187. Claro passo homográfico é aquele, no mesmo laureado romance coutiano, em que Tuahir acha Muidinga merecedor de outras iniciações e lhe propõe que pense em meninas: «Se arruma na beira do assento de Muidinga. Mete a mão entre as virilhas do rapaz. Aos poucos lhe vai desapertando a breguilha» (Couto, 2008: 136).

de interdições e de insubmissões. Certeiras, as palavras judithianas são fogo dentro da pele contra o «impulso sexual neutro» de que fala Joaquim Manuel Magalhães, dando-se directas do sujeito feminino ao desfibramento de objectos que são feminis corpos homograficamente inscritos, passe a redundância, homossexualmente desejados. Desambígua e «radical» (Alonso, 2008: 245), Judith Teixeira sabe-se uma minoria construindo uma identidade ainda mal aceite, marginalizada até. Inteligente e activa, a poeta lutou o que pôde contra as «normas do pudor» (Hernando, 1999: 14), mostrando, escondendo e matizando os enunciados, certa que estava, como Alberto Hernando, de que a «lógica de toda a censura consiste em canonizar o lícito e ignorar ou silenciar o que não é permitido» (ibid.: 14).

2. Ao transgredir a moral e a inefável canonização sexual, a poesia de Judith Teixeira adquire uma tensão erótica desviante, o que, de per si, a coloca, ao tempo, em lugar solitário e original. A metaforização do homoerotismo judithiano é tão exigente e completo que não poucas vezes topamos a deflagração de um clímax orgásmico. Veja-se, por exemplo, o poema «Perfis decadentes», onde a linguagem parece liquefazer-se e destruir-se como um turbilhão que não cessa de culminar-se ou, então, leia-se o convulsionadíssimo sonetinho «A minha colcha encarnada», onde perpassam «espasmos delirantes, / numa posse insaciada», que culminam com os indiciadores tercetos que transcrevo:

Tomo o cetim às mãos-cheias...

Sinto latejar as veias

na minha carne abrasada!

Torcem-me o corpo desejos...

mordendo o cetim com beijos

numa ânsia desgrenhada! (Teixeira, 1923)

Para que serve, pois, um nome assim banido e lenta mas firmemente restaurado? O nome de Judith Teixeira, no seu caminho iluminante, parece designar, salvaguardadas as devidas distâncias, um «mal» bem próximo daquele que Gilles Deleuze¹⁴ reserva para Sade e Masoch. Saída do estigma originário e resistente a cânones, moralidades e estéticas, Judith Teixeira e a sua obra constituem hoje exemplo e subtil recurso de insubmissão feminina.

¹⁴ Gilles Deleuze referindo-se ao serviço da literatura refere que os nomes de Sade e Masoch «servent au moins à designer deus perversions de base» (Deleuze, 1968: 13).

3. Mas vamos de novo ao caso prático do lesbianismo e dos interditos judithianos, uma singularidade que mais era do que parecia, porque verdadeiramente falada nos seus textos ardentes, a ponto de Marcello Caetano quebrar um segredo que toda a gente sabia e estigmatizar Judith Teixeira com o apodo de *desavergonhada* (Caetano, 1926: 156), o que, aliás, viria a ser subscrito por Álvaro Maia, escondido sob o pseudónimo de Ariel, ao dizer a poetisa «doida sim e porque sim!» (Ariel, 1926: 4).

Por exemplo, o poema «A Estátua», da primeira colectânea *Decadência*, é um notável caso de ousadia expressional judithiana, cujo *explicit* («Ó Vénus sensual! / Pecado mortal / do meu pensamento! / Tens nos seios de bicos acerados, / num tormento, / a singular razão dos meus cuidados!») coloca logo Judith Teixeira, pelo homoerotismo evidente, dentro do espírito subversivo vanguardista, na periferia do modernismo canónico e bem dentro do modernismo sáfico accionado pela fragmentação, a elipse e a antítese, como muito bem o vincaram René Garay e Raúl Romero (Garay e Romero, 2001:161).

A estesia perante o corpo feminino que o sujeito poético manifesta lembra as mulheres esculturais de Klimt e o conexo deslumbramento pelo narcisismo lésbico. Esta interacção entre os dois artistas é iniludível, mas isso já eu disse aqui há anos, quando, a partir do poema «Perfis decadentes», falei da integração nele de uma intensa cena de deflagração lésbica do amor que a poetisa poderia perfeitamente ter ido «beber» a «Serpentes de Água II», criação que retrata, segundo Gilles Néret, «um mundo narcisista povoado de lésbicas que se enrolam em espirais nas correntes, feito de sonhos aquáticos». Terei dito ainda que os vitrais judithianos serão a linfa klimtiana; as algas multicolores e coruscantes do pintor transformar-se-ão «em listas faiscantes, / sobre as sedas orientais / de cores luxuriantes»; as rotas aquáticas em espiral serão agora «nuvens de incenso» e «as ondas vermelhas do cetim»; os corpos oblongos e estilizados do pintor Gustav serão em Judith longos, «esguios, estáticos, /...corpos esculpidos em marfim»; os klimtianos rostos de mulher, misto de friquidez e eferescência, serão pares dos judithianos «perfis esfíngicos, / e cálidos» que estremecem «na ânsia duma beleza pressentida, / dolorosamente páldos!»; os compridos braços de dedos longilíneos das mulheres narcísicas do artista de Baumgarten presentificar-se-ão «nos braços longos e finos» das criações da poeta; o halo irreal ou surreal que recobre o conjunto plástico de tonalidade onírica será equipolente da atmosfera de sonho que conquista o centro do poema através daqueles «corpos subtilizados, / femininos, / entre mil cintilações / irreais»; e, por fim, que existirá uma similar dimensão trágica e de revolta decadentista-modernista na explosão amorosa, citando eu o exuberante exemplo «E morderam-se as bocas abrasadas, / em contorções de fúria, ensanguentadas!».

bem atestador do atrás mencionado clímax orgásmico que atinge boa parte dos poemas judithianos explicitamente lésbicos.

Segue Judith o preceito de Georges Bataille segundo o qual a arte autêntica é forçosamente prometeica. A transgressão e o voo livre pelos interditos continuam a fazer de Judith Teixeira um caso raro de afirmação. Estar, no entanto, com os tempos modernos não deixava que a sua inscrição literária se fizesse em época de fundamentalismo misógino e de gradual fechamento político, parecendo mesmo, face ao diferidíssimo reconhecimento, como diria Foucault, que a «transgressão transpõe e constantemente volta a transpor uma linha que, atrás de si, logo se fecha numa vaga de falta de memória, recuando assim de novo até ao horizonte do intransponível» (Eck, 1970: 147).

Lembrei então os laços da expressão da poetisa portuguesa com a certamente para si desconhecida Delmira Agustini (1886-1914), a cultuada pitonisa uruguaia do modernismo hispânico, afinidades essas que eram também biográficas. Aliás, essa convergência de articulação poética já foi notada por um René Garay, que defende que a subversão das imagens consagradas é comum em ambas: o cisne de Delmira nada deve à simbologia do modernismo hispânico glosada pelo seguidores de Ruben Darío, antes se subtilizando em desejo irreprimível no poema «El cisne» do livro *Los cálices vacíos* (1913), o que, afinal, também acontece com Judith Teixeira nos poemas «Ao Espelho» («e eu vou pensando, / no cisne branco e mudo / que no espelhante lago adormeceu») de *Decadência* ou na composição poética «Ilusão» de *Nua. Poemas de Bizâncio* (1926), que é, sem dúvida, uma fulgurante exemplificação da capacidade estranhizante das imagens judithianas, com a sua pregnância onírica animada por uma belíssima criatura «esculpida em neve» que tem sobre a nudez jovem do corpo «dois cisnes erectos».

Estas particularidades analógicas e transgressivas, algumas delas já por mim assim referidas aqui em Aveiro, e outras práticas leiturais, que a argúcia de leitores sobre os existentes literários judithianos não deixará de aportar em tempo próximo, fazem da malha autoral em análise um objecto epistemologicamente vivente e movente, de acordo com a actualização da sociosfera e os ritos dos tempos e dos lugares, cedo quedando os receios pessoais e as admonições regionais, ambas contribuintes, sem consciência dos autores, para a remarcação institucional. Se a literatura é, em simultâneo, inscrição e transgressão, impossível é reservar para Judith Teixeira silêncios e meros lugares paratextuais.

Reclamando-se desde o dealbar criativo como um ser insulado, «tão sem ninguém», «mentindo ao mundo inteiro», como se lê em passos epigráficos de *Decadência*, o sujeito lírico judithiano prevalecente é o de alguém que, arrastando consigo um «negro crime ancestral» (sonetinho «Predestinada»), muito cedo abandona a metaforização e a insta-

bilidade identitária para ceder ao rigor das palavras que afirmam uma iniludível sexualidade que «incendeia» um sangue não mais arrefecido. E assim desfilam logo na primeira criação judithiana alvos peitos entumecidos, «seios de bicos acerados» e seios nus, «de bicos enristados», bronzeados perfis, mulheres de dentes felinos com olhos indiciadores de perversos fins, cintas esguias e altas de ondulações provocantes, beijos rubros de sangue, «bocas encandescidas», nudezes estilizadas, corpos estonteantes e mais curvas provocantes, bocas perversas de bacantes, bem como estruturas poemáticas orgásticas do género de «sentindo ao agudos dentes / virem morder-me inclementes / numa infernal perversão!» («A cigana»), do já mencionado poema «Perfis decadentes», de «E a minha boca ardente / numa ansiedade louca / procura ir beijar / o seio branco e erguido» («Ao espelho»), quer ainda do tipo do desafiante e polémico título «A minha amante», cujo *incipit* é mais do que cristalino: «Dizem que eu tenho amores contigo! / Deixa-os dizer!...». Aliás, este último poema é mesmo uma arte poética que cartografa e inscreve em roteiro o drama íntimo da poetisa e os influxos da pressão social contra um ser que queria um nome que fosse seu:

Não entendem dos meus amores contigo –
 não entendem deste luar de beijos...
 – Há quem lhe chama a tara perversa,
 dum ser destrambelhado e sensual!
 Chamam-te génio do mal –
 o meu castigo...
 E eu em sombras alheio-me dispersa...

E ninguém sabe que é de ti que eu vivo...
 Que és tu que doiras ainda,
 o meu castelo em ruína...
 Que fazes da hora má, a hora linda
 dos meus sonhos voluptuosos –
 Não faltes aos meus apelos dolorosos...
 – Adormenta esta dor que me domina!

E se na segunda colecção de poemas, *Castelo de Sombras*, a poetisa opta estrategicamente por um esmaecimento da linha tribadista, divisando-se, ainda assim, uma linha febricitante de desejo, na terceira e última colectânea poética, sob o título *Nua. Poemas de Bizâncio*, tudo volta à ambiência desafiante. Como o defende Leo H. Hoek, o título é não

só o primeiro elemento textual como é, em simultâneo, uma marca autoritária que programa a leitura (Hoek, 1980:2). Unindo a isto o facto, de acordo com Kate Hamburger, de haver no texto lírico uma clara indiferença entre o autor empírico e o autor textual, fácil é concluirmos da ousadia e da abertura da titulação judithiana. Aliás, ainda no âmbito paratextual, o livro comporta uma epígrafe da poetisa lésbica Renée Vivien. Depois, bem, depois, temos um conjunto ardente de poemas, tais como «Ilusão», «A bailarina vermelha» e «A infanta das mãos pálidas», onde se entrelaçam corpos femininos, endoidecidos e ébrios de luxúria, essa força que Judith tão bem conhecia a partir do *Manifesto Futurista da Luxúria* (1913) de Valentine de Saint-Point e que usou abundantemente na sua obra, como vemos no fulgurante final do poema «Rosas pálidas»:

A luxúria, ó pálidas irmãs,
 é a maior força da vida!
 Sensualizai pois! a vossa carne
 arrefecida...
 Ó brancas, imaculadas!
 Ó virgens inúteis
 e decepadas...

Sem rasto social ou pequena notícia marginal, Judith Teixeira morre, estranhamente ou não, em 1959, ano do falecimento de António Botto, atropelado no Brasil, e de Rafael Lasso de la Vega, ultraísta espanhol que vem a sucumbir na porta giratória do Ateneu de Sevilha, vitimado por fulminante ataque cardíaco. Lembro, de passagem, que os três intelectuais estiveram juntos, por Agosto de 1923, em casa da poetisa¹⁵. Sem liberdade, nesse ano crepuscular de 1959, partia para o exílio Jorge de Sena, ele que quatro anos antes vira o seu livro *As Evidências (Poema em 21 sonetos)* acusado de subversivo e pornográfico. E esta é mais uma importante coincidência, como nodal será sempre assinalar a coragem artística e cívica de Judith Teixeira, neste ano de 2009, quando passam 50 anos sobre a sua morte e quando se decide ainda a sorte de Bethany Smith, uma jovem militar lésbica de 21 anos do exército norte-americano em Fort Campbell, no Kentucky, que, receando ser

¹⁵ Em carta a Adriano del Valle, refere Fernando Pessoa: «Não vi o seu amigo Lasso de la Vega; o Antonio Botto, porém, encontrou-o em casa da senhora D. Judith Teixeira, e creio que sympathizou muito com elle. Não sei se elle encontrou mais alguém das pessoas de quem me falla, além das duas que mencionei» (Pessoa, 1996: 53).

assassinada, pediu o estatuto de refugiada no Canadá, onde vive actualmente¹⁶. Este episódio sobrepasa mais de duzentos espantosos anos sobre as relações de Maria Antonieta com a duquesa de Poulignac e a princesa de Lamballe, acabando esta, no calor revolucionário, por ser mutilada e despedaçada, acusada de ser a «puta da rainha».

Muito longe da vulgaridade, Judith Teixeira assume uma homossexualidade vincada, na vida e na obra, em época de silêncios e interditos, não temendo sequer desafiar a admonição punitiva de S. Paulo a respeito das mulheres que «ardem de desejo umas pelas outras». Com um trajecto de vida atribulado, ao arpejo das canónicas normativas civis, a poeta, com ser divorciada, adúltera (segundo acusação do marido, Jaime Levy Azancot) e lésbica, reúne a principal tríade dos comportamentos transgressivos. Como o afirma Paulo Guinote, na época, e «por ordem crescente de gravidade, o divórcio, o adultério e a homossexualidade eram fenómenos a evitar e a combater» (Paulo *et alii*, 2001:78).

Não existirão muitas dúvidas já sobre este «grande» caso literário que o tempo não conseguiu esconder. Enterrada viva, a autora, com qualidade mais do que apreciável, só pode ocupar um espaço que é seu. Na obra de Judith Teixeira, principalmente na lírica, a linha lésbica é fortíssima: há encontros e desencontros; corpo e espírito; culpas e transgressões; paradigmas feminis, onde o corpo da amante lésbica vai do efebo androgenizado à mulher escultural; nostalgias e plenitudes. Uma característica outra importa agora reter: a de um erotismo agressivo e arrebatador como não acontece nunca, por exemplo, em Isabel de Sá, que com Judith reparte boa parte das marcas literárias. E isso faz também da autora de *Castelo de sombras*, sem branqueamento, um expoente da literatura lésbica e *queer* portuguesa, tanto mais que desde há quase duas décadas que Cecília Barreira defende que Judith Teixeira aposta mesmo «numa homossexualidade latente ou num hermafroditismo que contraria em muito o que era usual na época» (Barreira, 1992: 229). Não mais pois um lugar de morte para um humano assim nas nossas mãos.

É tempo de acabar Judith Teixeira aí está, viva e disponível, com uma qualidade literária não despienda e aberta a múltiplas lacerações hermenêuticas. Reconheço mesmo que a poeta, qual judeu errante, não encontrou ainda lugar onde pacificar o corpo, havendo mesmo no seu trajecto um cúmplice eco do canto da também poeta lésbica Renée Vivien que por ambas ficará ressoando nesta sala: «Fugindo da multidão ignara, / Nunca um tecto abrigará nossos suspiros incompreendidos»¹⁷ (Eck, 1970: 283). Mas até quando?

¹⁶ *Diário de Notícias*, 13 de Setembro de 2009.

¹⁷ Vivien, 1907. O trecho utilizado integra o poema «Paroles soupirées»: «Jamais, nous défendant de la foule narquoise, / Un toit n' abriterá nos soupirs incompris».

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, São José (2009). «O Estado Novo dizia que não havia homossexuais, mas perseguia-os». *Pública* 12 de Julho.
- ALONSO, Cláudia Pazos (1997). *Imagens do Eu na Poesia de Florbela Espanca*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ALONSO, Cláudia Pazos (2008). «Escritoras do Modernismo». In MARTINS, Fernando Cabral. (coord.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Lisboa: Caminho.
- AMARO, Luís (2003). «João Gaspar Simões 1903-1987. Esboço de uma bibliografia crítica, com presença dentro». In [org.] BIBLIOTECA NACIONAL. *presença de João Gaspar Simões. Exposição comemorativa do centenário do nascimento*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- ANDRADE, Eugénio (1974). *Os afluentes do silêncio*. 3ª edição aumentada. Porto: Editorial Inova.
- ARIEL (1926). «Casa d' Orates. Doida sim e porque sim!». In *Revolução Nacional*, 2 de Julho.
- BARRADAS, Ana (1998). *Dicionário Incompleto de Mulheres Rebeldes*. Lisboa: Antígona.
- BARREIRA, Cecília (1991). *Universos Femininos em Portugal. Retrato da Burguesa em Lisboa (1890-1930)*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.
- (1992). *História das Nossas Avós. Retrato da Burguesa em Lisboa (1890-1930)*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- BRANCO, Camilo Castelo (1922). *Escritos de Camilo – I. Cartas. II. Notas em livros*. Lisboa: Portugália Editora. Notícia por Júlio Dias da Costa.
- BRANDÃO, Raul. *Vale de Josafat. III volume de Memórias*. Lisboa: Seara Nova.
- CAETANO, Marcello (1926). «"Arte" sem moral nenhuma». *Ordem Nova* 4-5, Junho-Julho.
- CARVALHO, Gil de (1998). «Judith Teixeira – Poemas. Colóquio/Letras 149-150, Julho-Dezembro.
- CASCAIS, António Fernando [org.] (2004). *Indisciplinar a teoria. Estudos gays, lésbicos e queer*. Lisboa: Fenda.
- COUTO, Mia (2008). *Terra sonâmbula*. 9ª edição. Lisboa: Caminho.
- DELEUZE, Gilles (1968). *Présentation de Sacher Masoch. Le froid et le cruel*. Paris: Editions de Minuit.
- ECK, Marcel (1970). *Sodoma. Ensaio sobre a homossexualidade*. Lisboa: Moraes Editores.
- FARRA, Maria Lúcia Dal (2008). «Teixeira, Judith (1880-1959)». In MARTINS, Fernando Cabral (coord.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Lisboa: Caminho.
- FÉLIX, Adelaide (1921). *Miragens tôrvas (Prosa de Arte)*. Lisboa: Tip. da Livraria Félin.
- FERNANDES, Ana Raquel (2004). «Breaking with Social and Literary Conventions: Judith Teixeira and Maria Teresa Horta». In JANSEN, Monica & JORDÃO, Paula (editors). *Proceedings of the International Conference: The Value of LITERATURE in and after the SEVENTIES: The Case of ITALY and PORTUGAL*. Utrecht: Universiteit Utrecht, 141-156.
- FIGUEIREDO, João Pinto de (1981). *A vida de Cesário Verde – a obra e o homem*. Lisboa: Arcádia.
- GARAY, René P. (2000). «Alguém se recorda deste nome: Judith Teixeira». *Artes & Artes* 29, Setembro / Outubro.
- GARAY, René P. (2001). «Sexus sequor: Judite Teixeira e o discurso modernista português». In *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher* 5.
- GARAY, René P. (2002). *Judith Teixeira: o modernismo sáfico português*. Lisboa: Universitária Editora. GARAY, René P. (2003). «Judith Teixeira, a voz sáfica do primeiro modernismo português». In FERREIRA, António Manuel (coord.). *Percursos de Eros: representações do erotismo*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

- GARAY, René P. y ROMERO, Raúl E. (2001). «En busca del modernismo sáfico en la poesía portuguesa del siglo XX». In *Dossiers Feministes 5 – La construcció del cos. Una perspectiva de gènere*. Castelló: Seminari d' Investigació Feminista – Universitat Jaume I.
- HERNANDO, Alberto (1999). *Cunhus. Repressão e insubmissões do sexo feminino*. 2ª edição. Lisboa: Edições Antígona.
- HOEK, Leo Huib (1980). *La marque du titre. Dispositifs sémiotiques d' une pratique textuelle*. La Haye: Mouton Éditeur.
- HÖLDERLIN, Friedrich (2000). *Elegias*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- JORGE, Maria e GASPAR, Luís Manuel (1997). «*Scriptorium*». In TEIXEIRA, Judith. *Poemas*. Lisboa: Etc, 225-254.
- LAGO, Maria, e PARAMELLE, France (1978). *A mulher homossexual. Ensaio sobre a homossexualidade feminina*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- MALDONADO, Fátima (1996). «Livros Queimados». *Revista Expresso* 1260, 21 de Dezembro.
- MARQUES, Gabriela Mota (2007). *Cabelos à Joãozinho: a 'garçonne' em Portugal nos anos vinte*. Lisboa: Livros Horizonte.
- MARTINS, Fernando Cabral (coord.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Lisboa: Caminho.
- NEMÉSIO, Vitorino (1986). *Mau tempo no canal*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- NUNES, Maria Leonor (1996). «Judith Teixeira – A desavergonhada Fénix». *Jornal de Letras* 683, 18 de Dezembro.
- PAULO, Eulália, CORDA, Isabel, RIBEIRO, Lurdes e GUINOTE, Paulo (2001). *Quotidiano feminino (1900-1940)*. Lisboa: Departamento de Património Cultural / Arquivo Municipal de Lisboa.
- PERDOMO, Alicia (2003). «Una escritora portuguesa vanguardista de los años veinte. Metaconstrucción, ficтивización, identidad y juegos narcisistas en la obra de Judith de Teixeira». *Ciberayllu*, 22 junio. http://www.andes.missouri.edu/andes/Especiales/APTeixeira/AP_Teixeira_1.html.
- PESSOA, Fernando (1996). *Correspondência inédita*. Organização de Manuela Parreira da Silva. Prefácio de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Livros Horizonte.
- PITTA, Eduardo (1997). «O Som e O Sentido: Cristais de Inquietação». *Ler (Livros & Leitores)* nº 37, Inverno 1997.
- (1997). «Dez livros à laia de balanço». *DNa*.
- (2003). *Fractura. A condição homossexual na literatura portuguesa contemporânea*. Coimbra: Angelus Novus, Editora.
- RÉGIO, José (1927). «Literatura viva». *Presença* 1, de 10 de Março.
- SAMPAIO, Albino Forjaz de (1935). *As melhores páginas da poesia feminina*. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco.
- SENA, Jorge de (2003). *Sinais de fogo*. Porto: Público.
- SEPÚLVEDA, Torcato (2004). «Judite nome de guerra». *Grande Reportagem* 179, de 12 de Junho.
- SÉRGIO, António (2001). *Notas sobre Antero, Cartas de problemática e outros estudos filosóficos*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- SIMÕES, João Gaspar (1937). «Os Livros da Semana: *Almas e terras onde eu passei*, por Luzia, *O Grito da Terra*, romance por Adelaide Félix, *Lume Novo*, por Celeste Costa». *Suplemento Literário do Diário de Lisboa* 86, de 29 de Janeiro.
- (1942). *Crítica. I (A Prosa e o Romance Contemporâneos)*. Porto: Livraria Latina Editora.

- SIMÕES, João Gaspar (1946). *Internato*. Porto: Editorial Ibérica.
- SOUSA, Martim de Gouveia e (1999). *Do Decadentismo: a palavra obsessiva na obra poética de Judith Teixeira (Contributo para uma edição crítica)*. Aveiro: Universidade de Aveiro (trabalho policopiado).
- (1999). *Judith Teixeira e a digladição paradigmática: do fim-de-século à palavra do fim*. Aveiro: Universidade de Aveiro (trabalho policopiado).
- (1999). *Judith Teixeira: «De Mim» ou do eu assertivo*. Aveiro: Universidade de Aveiro (trabalho policopiado).
- (1999). *Dois passos em torno do amor e mais um («Ateia, meu amor, o fogo em que me exalto...»): Judith Teixeira e o domínio de Eros*. Aveiro: Universidade de Aveiro (trabalho policopiado).
- (2001). *Judith Teixeira: Originalidade Poética e Descaso Literário na Década de Vinte*. Aveiro: Universidade de Aveiro (Dissertação de Mestrado).
- (2002). «Régio e Judith Teixeira: um encontro, uma voz e uma “brasa ardente” de que alguém se lembrará». In FERREIRA, António Manuel (coordenador). *Presenças de Régio. Actas do 8º Congresso de Estudos Portugueses*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 83-91.
- (2008). «Sofrimento e desejo nas novelas de *Satânia*». In TEIXEIRA, Judith. *Satânia. Novelas*. Lisboa: varicelas edições, 111-129.
- TAVARES, Vítor Silva (1996). «Prefácio». In TEIXEIRA, Judith. *Poemas*. Lisboa: Etc, 11-16.
- TEIXEIRA, Judith (1923). *Decadência. Poemas*. Lisboa: Imprensa Libânio da Silva.
- (1923). *Castelo de Sombras*. Lisboa: Imprensa Libânio da Silva.
- (1926). *Nua. Poemas de Bysâncio escritos que foram por: Judith Teixeira*. Lisboa: Editores: J. Rodrigues & Cª.
- (1926). *De mim. Conferência. Em que se explicam as minhas razões sobre a Vida, sobre a Estética, sobre a Moral*. Lisboa: J. Rodrigues & Companhia.
- (1927). *Satânia. Novelas*. Lisboa: Livraria Rodrigues & Companhia.
- (1996). *Poemas. Decadência. Castelo de Sombras. Nua. Conferência De Mim*. Lisboa: Etc.
- VARICELAS (2008). «O rosto». «Conversas». In TEIXEIRA, Judith. *Satânia. Novelas*. Lisboa: varicelas edições, 109, 131-132.
- VENTURA, África Riera (2006). *Memòria de Judith Teixeira*. Barcelona: Trabalho dactilografado.
- VERDE, Cesário (1983). *Obra completa de Cesário Verde*. 4ª edição. Lisboa: Livros Horizonte.
- VIANA, António Manuel Couto (1977). *Coração Arquivista*. Lisboa: Verbo.
- (1996). «Escândalo e ousadia no princípio do século». *Ler (Livros & Leitores)* 35, Verão 1996.
- VIVIEN, Renée (1907). *Flambeaux éteints*. Paris: E. Sansot.

RESUMO

Desafiando o seu tempo e o porvir, os escritos de Judith Teixeira estão cada vez mais actuais, como o comprovam as inúmeras leituras judithianas levadas a cabo na última década, dentro e fora do país. Um escrutínio à obra da poeta permite integrá-la no Modernismo português. É ainda Judith Teixeira, pela vertente homoerótica, um expoente do lesbianismo literário português.

ABSTRACT

Challenging your time and the future, the writings of Judith Teixeira are increasingly present, as evidenced by the numerous readings carried out in the last decade, both within and outside the country. A scrutiny of the work of the poet permits to incorporate it into Portuguese Modernism. It is also Judith Teixeira, by the homoerotic aspect, an exponent of Portuguese literary lesbianism.

